
BÍBLIA SAGRADA AFRICANA



INTRODUÇÃO GERAL DA BÍBLIA

A Bíblia, reunida num volume e apresentada como um único livro, é na realidade uma **biblioteca** de muitos livros. É uma colecção de obras que influenciou profundamente os povos dos dois últimos milénios e que não deixou de perder importância nos dias que correm. Para os cristãos, é o "registo" do que Deus disse ao seu povo ao longo de muitas gerações. É a palavra de Deus para nós hoje, a palavra de Deus como foi transmitida fielmente pelos nossos antepassados e escrita por mãos humanas. O Concílio Vaticano II descreve-a como "**as palavras de Deus** (...) **expressas em palavras humanas**" (Dei Verbum 13). Hoje, o desafio de cada um de nós é encontrar as "palavras de Deus" nas "palavras humanas" da vida diária que nos chegam pelas imagens e sons da TV, rádio, jornais, revistas, Internet. A BÍBLIA SAGRADA AFRICANA deve ajudar nesta tarefa.

Classificação dos Livros

Os livros da Bíblia apresentam, uma **grande variedade** de conteúdos. No Antigo Testamento há **poesia** (Salmos), **leis** (Levítico), **profecias** (Isaías, Jeremias, Ezequiel), **história** (Génese, Josué, Reis), **provérbios** (Provérbios) e **cânticos** (Cânticos dos Cânticos). No Novo Testamento temos, nos **Evangelhos**, registos variados da vida de Jesus. Nos Actos temos um relato da vida das primeiras comunidades da Igreja e nas cartas um registo dos ensinamentos a essas comunidades.

Bíblia Hebraica

Os livros que constituem a Bíblia podem ser classificados de formas distintas. Os judeus reconhecem três grupos de obras na **Bíblia Hebraica** (que para nós é apenas o Antigo Testamento).

O primeiro é a Lei, ou **Torá**, que contém os livros do Génese, Êxodo, Levítico, Números e Deuterónimo. São os livros mais importantes para os judeus. O segundo grupo é o dos Profetas, que, por sua vez, está dividido em "**Profetas Anteriores**", Josué, Juízes Samuel (1 e 2) e Reis (1 e 2) e "**Profetas Posteriores**", Isaías, Jeremias, Ezequiel e os chamados "Doze profetas menores ou seja, Oseias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias. Na Bíblia Hebraica estes últimos doze são vistos como um único livro. Finalmente, restam os livros da Bíblia Hebraica que são classificados como "**Escritos**" uma mistura de livros de orações, profecias, sabedoria e história, São estes: Salmos, Job, Provérbios, Rute, Cântico dos Cânticos, Eclesiastes, Lamentações, Ester, Daniel, Esdras, Neemias e Crónicas (1 e 2). Isto perfaz um total de 39 livros.

Bíblia Grega

O Antigo Testamento foi **traduzido** da língua hebraica original para grego cerca de 220 anos antes do nascimento de Cristo. Esta tradução é conhecida como Setenta (ou LXX ou *Septuaginta*). Contém alguns **livros adicionais** que também foram incluídos nas bíblias católicas e são conhecidos por livros **deuterocanónicos**.

São os livros de Tobite, Judite, Sabedoria, Ben Sira, Baruc e Macabeus (1 e 2). Da Setenta adoptámos também a classificação ligeiramente diferente dos livros do Antigo Testamento. Na Setenta, os cinco primeiros livros, a Lei, chamam-se Pentateuco. Depois seguem-se os livros Históricos, incluindo os Profetas Anteriores da Bíblia Hebraica: Josué, Samuel (be 2), Reis (1 e 2), Crónicas (1 e 2), Esdras, Neemias, Tobite, Judite, Ester e Macabeus (1 e 2). Os livros Poéticos e Sapienciais estão no mesmo conjunto: Job, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Sabedoria e Ben Sira. Finalmente vêm os profetas: Isaías, Jeremias, Lamentações, Baruc, Ezequiel, Daniel, Oseias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias. É esta classificação que habitualmente encontramos nas Bíblias católicas.

O Novo Testamento

O Novo Testamento, todo ele escrito originalmente em **grego**, compreende os Quatro **Evangelhos** (Mateus, Marcos, Lucas e João), os **Actos** dos Apóstolos (também escrito por Lucas), as **treze Cartas de S. Paulo**, bem como a Carta aos Hebreus, associada ao Apóstolo, mais sete Cartas escritas por Tiago, Pedro, João e Judas; finalmente, o livro do Apocalipse. O conteúdo e disposição do Novo Testamento é consensual entre as principais igrejas cristãs actuais.

O Antigo e o Novo Testamentos

Todos os livros da Bíblia **falam a seu modo da aliança** entre Deus e o povo de Israel, em primeiro lugar, e entre Deus e a humanidade, a seguir. A História, em particular, é registada na Bíblia de forma a tornar visível a acção de Deus em favor do seu povo. O mesmo pode ser dito dos Salmos, dos livros Proféticos e mesmo dos Evangelhos. A Bíblia é o "registo" escrito da **comunicação entre Deus e o seu povo** durante muitas gerações. Para os cristãos, o Antigo e o Novo Testamentos são igualmente importantes. O Antigo Testamento regista a Aliança entre Deus e os judeus. O Novo Testamento mostra como a mesma Aliança foi renovada através de Jesus, o Filho de Deus, em nome de todos os povos.

Formação do Cânone da Bíblia

Já realçámos que o livro a que chamamos Bíblia é de facto constituído por muitos livros independentes. Foram escritos ao longo de um período de muitos séculos. Quase todos os livros foram **escritos de**

forma independente ou em pequenos grupos. Somente **mais tarde**, num processo gradual, é que os livros isolados **foram reunidos**. O processo pelo qual diferentes livros foram incluídos denomina-se formação do Cânone. O **Cânone é a lista dos livros que** os líderes das comunidades **reconhecem como autorizados para uso comunitário**. Para os judeus, o Cânone foi definitivamente estabelecido pelos Rabis no final do séc. I d.C. Para os cristãos, foi um processo gradual durante os primeiros séculos da era cristã. Para os católicos, a lista final e definitiva só ficou definida no Concílio de Trento, no séc. XVI, apesar do conteúdo do Cânone ter sido fixado muito antes disso. O Cânone da Bíblia Hebraica tem os 39 livros acima mencionados. Os livros extra da Setenta não foram aceites no Cânone Hebraico, mas foram reconhecidos pelo Cânone cristão. Na época da Reforma, na Europa, as Igrejas Evangélicas rejeitaram os livros gregos do Cânone do Antigo Testamento, considerando-os apócrifos. Mas esses livros ficaram no Cânone Católico, onde são conhecidos como livros Deuterocanónicos.

Devido a este motivo, o Antigo Testamento da **Bíblia Católica tem 46 livros**. Hoje, muitas das Igrejas Cristãs Reformadas reconhecem o valor dos livros Deuterocanónicos, incluindo-os, por vezes, nas suas traduções bíblicas protestantes como Apócrifos.

Inspiração

Para os católicos, dizer que um livro é canónico é reconhecer que foi inspirado por Deus.

Os livros canónicos são reconhecidos como tendo autoridade para serem usados no ensino da Igreja. Reconhecemos que esse **autor foi inspirado pelo Espírito** Santo quando escreveu o livro. Ao mesmo tempo, **o reconhecimento** de que determinado livro é inspirado faz-se **sob orientação do mesmo Espírito**. Os livros foram incluídos no Cânone devido ao reconhecimento gradual da sua importância e autenticidade pela comunidade cristã. Enquanto cristãos, na nossa **leitura da palavra inspirada** da Bíblia, deixamos que Deus nos inspire na nossa vida diária, como indivíduos e como Igreja.

As Formas Literárias da Bíblia

Dissemos acima que o Concílio Vaticano II, no importantíssimo documento sobre a Revelação, *Dei Verbum*, se refere aos escritos bíblicos como "palavras de Deus (...) expressas por palavras humanas". Trata-se de uma ideia muito importante a reter quando nós, cristãos do séc. XXI, lermos e deixarmos que ela nos fale na actualidade. Devemos reparar no modo como as "palavras de Deus" foram expressas em "palavras humanas". Já referimos que os livros contêm **diferentes tipos de material**, incluindo poesia, leis, profecia e história, no Antigo Testamento; e Evangelhos, Actos, Cartas e Apocalipse, no Novo

Testamento. Mesmo que tenhamos em conta apenas um livro, encontramos vários tipos de material. As **parábolas**, por exemplo, são um tipo de relato diferente da narrativa do nascimento de Jesus. Para compreender da melhor forma possível o que cada autor está a tentar dizer aos seus ouvintes, precisamos de prestar atenção às **formas que ele escolheu para escrever a sua mensagem**. A finalidade das notas introdutórias e das notas de rodapé numa edição como esta é ajudar o leitor nesta caminhada.

Valor Histórico da Bíblia

Variadas vezes a conjugação da compreensão dos livros da Bíblia como palavra inspirada de Deus e, ao mesmo tempo, palavras humanas causou **dificuldades** aos cristãos na leitura e entendimento da Bíblia. Alguns cristãos têm medo de admitir que a Bíblia contém poesia, lendas, mitos e outras formas literárias; pensam que isso é um ataque à sua credibilidade. O valor da Bíblia como registo histórico estaria em causa. Por exemplo, será que o universo foi criado em sete dias, como se descreve no início do Génesis? O magistério católico não vê qualquer dificuldade em reconhecer a verdade do testemunho bíblico e o facto de ser expresso de muitas formas diferentes de comunicação humana. Não é necessário olhar cada palavra e frase da Bíblia como um registo histórico objectivo. Na verdade, fazer isso significaria não reconhecer os dons artísticos dados por Deus aos autores que usaram a sua imaginação e conhecimentos para produzir obras de grande beleza, seja poesia, profecia ou mito. **Para alcançar plenamente a mensagem do autor e assim compreender o que ele nos diz, devemos prestar muita atenção, não só ao conteúdo da mensagem mas também à forma como foi escrita.** Ao mesmo tempo, devemos resistir à tentação de ignorar a **natureza sagrada dos escritos** e de os reduzir meramente ao estatuto de outras obras de literatura. Os escritos da Bíblia emergem da experiência de fé dos autores, e temos de deixar que falem e alimentem a nossa própria experiência de fé.

Os Católicos e a Bíblia

Um dos resultados mais importantes do Vaticano II foi o despertar do **interesse católico pela Bíblia**. A renovação da liturgia nos anos que se seguiram ao Concílio abriu aos católicos extensas partes da Bíblia que quase tinham sido esquecidas. Os leigos, em particular, tinham receio de ler a Bíblia por si mesmos, se se afastassem das passagens familiares, mas limitadas, da missa de domingo. Se lessem a Bíblia livremente, caíam suspeitas sobre eles. Agora nota-se um tremendo entusiasmo e interesse pela leitura e estudo da Bíblia. A preparar esta realidade, logo no início do séc. XX, houve um desenvolvimento gradual no ensino da Igreja que reconheceu o valor do estudo científico moderno da Bíblia. Por

sua vez, isto permitiu **reconhecer as várias técnicas literárias** empregues pelos muitos autores e assim compreender as diferentes passagens de forma diferente, segundo a intenção do autor.

Ler a Bíblia hoje em África

Podemos utilizar a Bíblia de várias formas. Pode ser útil apontar algumas. Podemos olhar para a Bíblia como **fonte de informação histórica**. O relato da formação do povo de Deus, desde o chamamento de Abraão em diante, tem um grande interesse. Podemos lê-lo da forma como foi escrito, não como um relato histórico e científico mas como **um registo do envolvimento permanente de Deus na vida do seu povo**, e notar o carácter religioso da obra, o que pode ser muito frutuoso. Outra forma de ler a Bíblia é olhar para a **informação teológica**. Podemos desejar conhecer o que Deus ensina acerca de assuntos como a justiça e a moral, por exemplo. Mais uma vez, a Bíblia é uma importante fonte de informação, particularmente se estudarmos o contexto dos ensinamentos e vermos como os compreendeu a Igreja ao longo da história. Contudo, talvez o uso mais comum da Bíblia, para a maioria das pessoas, seja como **fonte de inspiração pessoal**. Uma particularidade da Bíblia é a forma como as palavras de Deus podem falar-nos directamente, sem a ajuda de estudos académicos profundos ou o conhecimento de especialista. Isto não quer dizer que devamos ler a Bíblia sempre sozinhos. **A Bíblia é o tesouro da comunidade** do povo de Deus, e a melhor forma de a ler, para a maioria dos cristãos, é no contexto proporcionado pela própria comunidade cristã, a Igreja. Prestando atenção ao contexto da actualidade africana e procurando identificar temas particularmente relevantes para as sociedades africanas do séc. XXI, a *BIBLIA SAGRADA AFRICANA* deseja ser uma fonte de inspiração e de alimento para os povos de África.

ANTIGO TESTAMENTOS

PENTATEUCO

Introdução

Os primeiros **cinco livros da Bíblia** - Génesis (50 capítulos), Êxodo (40), Levítico (27), Números (36) e Deuterónimo (34) - constituem um todo, e o conjunto é conhecido tanto por Pentateuco (da palavra grega para dizer cinco livros), como por Torá (a palavra hebraica para dizer lei). Estes cinco livros sempre foram vistos pelo judaísmo como uma unidade e, apesar das diferenças de tema e estilo, foram atribuídos tradicionalmente ao trabalho de um único autor, Moisés.

O livro do **Génesis** ocupa-se das origens do mundo e das origens do Povo de Israel. O livro do **Êxodo** conta a história da fuga dos israelitas do Egipto, o vaguear pelo deserto e a aliança no monte Sinai. O livro do **Levítico** interrompe a narrativa para apresentar listas das leis dos sacerdotes da tribo de Levi. O livro dos **Números**, depois de começar com o relato do recenseamento do povo, prossegue com o relato dos israelitas vagueando pelo deserto. O livro do **Deuteronomio** (que significa segunda lei) contém um código de leis civis e religiosas enquadradas pelos ensinamentos de Moisés e um relato dos preparativos finais para a entrada na Terra Prometida.

Os livros do Pentateuco **não narram factos históricos** como seria de esperar do trabalho de um historiador moderno. **Narram tradições do povo** acerca da origem do universo, do mundo e de tudo o que ele contém, e do próprio povo; exprimem **as verdades fundamentais** nas quais se baseia a compreensão do povo; estão cheios de pormenores acerca das origens dos nomes dos lugares, dos nomes das pessoas, das práticas tradicionais e das observâncias religiosas. A maior parte das culturas tradicionais tem uma colecção semelhante de histórias, muitas vezes **transmitidas oralmente de geração em geração**. Estas histórias dos israelitas também foram transmitidas durante muitas gerações, **antes de passarem a escrito** tal como hoje as conhecemos.

Os exegetas bíblicos actuais, examinando os textos, identificam nestes livros o trabalho de **vários autores**. Demonstram que, numa primeira fase, diferentes autores começaram por escrever as tradições orais do povo e, numa fase posterior, os editores reuniram os escritos desses diferentes autores e compuseram os livros da forma como os conhecemos actualmente.

Isto permite explicar o facto de **algumas histórias estarem repetidas** e de, ocasionalmente, haver **pormenores contraditórios** no texto.

Identificam-se **quatro fontes diferentes** - ou tradições - no **Pentateuco**. A mais antiga é a tradição **Javista** (J), da época do rei Salomão. Teve origem em Judá e mostra como as promessas de Deus a Abraão foram cumpridas no reino de David. Distingue-se pelo uso do nome "Javé" (Yahveh) para Deus e por um estilo muito vivo em que Deus é retratado muito próximo dos seres humanos, falando-lhes directamente.

A seguinte é a tradição **Eloísta** (E), que é datada do período a seguir à divisão do reino. Teve origem no reino do Norte e realça a importância de Jacob. O nome "Eloim" é usado para Deus, e Deus é representado como alguém distante que fala aos seres humanos por visões, sonhos ou anjos.

A tradição **Deuteronomista** (D) serve-se das tradições J e E e reformula-as, realçando a aliança com Moisés como algo mais importante

do que a monarquia e sublinhando a importância de Jerusalém como o centro do culto judaico.

Um recurso típico desta tradição é o uso do imaginário militar.

A tradição **Sacerdotal** (P) remonta ao tempo do Exílio da Babilónia, quando o povo judeu perdeu quer a terra quer o reino. Os autores sacerdotais, que desejavam manter a fé do povo de Israel, retomaram aqueles elementos das tradições antigas que ainda eram aplicáveis.

Mostraram ao povo como é possível perseverar na fé e na prática religiosa, mesmo em tempos de tribulação. A fonte P realça a continuidade entre o presente e o passado e revela um grande interesse pelas genealogias. Também realça a importância das bênçãos de Deus concretizadas na terra e no seu povo.

Numa fase posterior os **autores sacerdotais foram responsáveis por combinar e editar** fontes primitivas e elaboraram os cinco livros do Pentateuco tal como os temos agora. Herdaram as histórias tradicionais do seu povo transmitidas pela fé de geração em geração, primeiro oralmente e depois por escrito. Reconheceram a importância perene e o significado das tradições. Tentaram mostrar ao povo do seu tempo como as promessas históricas e as experiências do passado ainda estavam em vigor nos seus dias. O trabalho dos escritores sacerdotais fixou a forma final do texto que hoje temos. Em cada geração, mesmo para nós, no século XXI, continua a ser importante redescobrir a mensagem permanente do registo da acção de Deus na história do povo judeu.

Génesis

Importância do Génesis para África

Os **africanos** têm muitas **histórias sobre a criação**, e um bom número delas tem elementos comuns às do Génesis, particularmente no que diz respeito à criação dos seres humanos, sua separação de Deus e origem do sofrimento e da morte. Outras histórias têm a finalidade de explicar a origem de certos fenómenos naturais ou certas tradições e costumes. Há histórias **parecidas no Génesis** que servem as mesmas finalidades. Em África há também alguns grupos étnicos que têm histórias e lendas sobre heróis individuais que se julga terem fundado as suas tribos, precisamente como os israelitas têm as suas narrativas sobre Abraão e os patriarcas, considerados os fundadores das suas doze tribos. Muitas vezes os estudiosos apontam a **mitologia do Médio Oriente Antigo** como ajuda para a compreensão dos antecedentes e significado de muitas passagens do Génesis, especialmente os primeiros onze capítulos. As histórias semelhantes de África podem, do mesmo modo, ajudar os africanos e mesmo os não-africanos, a compreender muito do Génesis, não apenas a história das origens nos **primeiros onze capítulos**, mas também a história dos antepassados no resto do livro.

Tanto para cristãos como para judeus, o livro do Génesis foi sempre uma fonte maior para a reflexão teológica sobre o universo e a existência humana. Cada época o leu procurando **encontrar respostas para as suas questões e preocupações**. O início do século XXI enfrenta os seus próprios problemas, e os teólogos, mais uma vez, olham para o Génesis e para o resto da Bíblia à procura de mais luz. Olham para os textos antigos e familiares e tentam procurar novos significados que possam **lançar luz sobre problemas contemporâneos** e contribuir para a sua solução.

Entre as preocupações actuais está o problema da ecologia. O "jardim" que Deus plantou e confiou aos seres humanos, para que o cultivassem e cuidassem, foi vítima de destruição e exploração. O mar, também, está a ser poluído ao ponto de muito em breve não poder conter vida. Perante estas questões globais, as nações começam a perceber que estes problemas do meio ambiente não podem ser resolvidos por países isolados. É aqui que a unidade da humanidade, como surge no Génesis, começa a fazer todo o sentido. Os problemas que afectam todo o planeta só podem ser resolvidos com a colaboração internacional.

Outro assunto contemporâneo, particularmente em África, é a **desigualdade entre sexos**. Em muitas sociedades as mulheres ainda são tratadas como seres inferiores aos homens, e esta situação, às vezes, é justificada com base em certos textos do Génesis. Hoje, os teólogos, particularmente os feministas, levam a cabo um segundo olhar sobre as histórias da criação do livro do Génesis se descobrem que a subordinação das mulheres aos homens não encontra qualquer justificação na Bíblia. Interpretam os textos com mais rigor, de uma forma que mostra claramente que Deus pretendeu a igualdade dos sexos.

O livro do Génesis, portanto, ainda tem relevância para as preocupações das pessoas de hoje, como sempre teve para as do passado: Cristãos, judeus e todas as pessoas de boa vontade continuam a encontrar nele muita inspiração para compreender novas situações e enfrentar novos desafios, na convicção de que o relacionamento de Deus com Israel na narrativa do Génesis é um modelo do seu providencial cuidado para com o resto da humanidade.

Principais divisões do livro do Génesis

I. Origens da Vida e da História (1,1-11,26)

II. Origens do Povo de Deus (11,27-25,18)

III. História dos Patriarcas Isaac e Jacob (25,19-36,43)

IV. História de José e dos seus Irmãos (37,1-50,26)

Êxodo

Importância do Êxodo para África

Nos tempos modernos os **africanos** sofreram grandes violações na sua dignidade. Foram **vitimas de escravidão**, colonialismo, neocolonialismo e opressão. O Êxodo é, portanto, o livro dos africanos e daqueles povos sob opressão política ou outra, e mesmo daqueles que agora são livres mas procuram a sua própria identidade.

Libertação é o tema-chave no Êxodo. Tornou-se a leitura favorita entre aqueles que foram ou ainda são oprimidos pelos modernos faraós. Mas os povos oprimidos, os africanos entre eles, podem descobrir mais do que isso no Êxodo. O autor faz algumas afirmações sobre Deus - É o absoluto: "*Eu sou aquele que sou*" (3,14); salva os oprimidos (20,2); exige fidelidade absoluta (20,4); e é o Santo (15,11). Portanto, ver Deus unicamente como libertador (segundo aspecto) não é suficiente.

O Deus do Êxodo exige que o aceitem como **único Deus** - com a consequência de que apenas Ele deve ser adorado. No contexto dos tempos antigos, em que cada nação julgava ter o seu próprio Deus, esta afirmação era importante.

"*Eu sou o Senhor, teu Deus*" (20,2). A questão, para aqueles que invocam Deus como libertador, é: Será que o reconhecem como Senhor, e o adoram, apenas a Ele? E a crença tradicional nos outros deuses? Este Deus libertador é um Deus Santo e exige que o povo seja, também, santo!

Os povos oprimidos são convidados por este livro a **lembrar os seus dias de opressão e libertação**. Por que razão? Para que eles sejam misericordiosos com os outros que são oprimidos. Era necessário ter independência e liberdade em relação aos poderes estrangeiros. A África é desafiada a provar que a liberdade em relação a leis estrangeiras traz liberdade para os próprios africanos. A actuação de líderes africanos depois da independência provou que, infelizmente, **a escravidão dos estrangeiros foi muitas vezes substituída pela escravidão interna**.

O Êxodo lembra-nos também que os israelitas tiveram que refugiar-se no deserto por serem vítimas da perseguição do Egipto. O problema dos refugiados em África é gravíssimo. **Deus cuidou directamente do seu povo** no deserto do Sinai; agora Ele confia em nós para oferecer o acolhimento e a ajuda necessários aos inumeráveis refugiados africanos que procuram asilo nos países vizinhos e noutros continentes. Em suma, o Êxodo diz-nos que a **raiz de todos os tipos de escravidão ou opressão consiste numa compreensão distorcida de Deus e numa incorrecta relação com Ele**. Deus é a fonte da verdadeira libertação em todos os aspectos da vida: social, cultural, religiosa, política, económica, etc. A verdadeira relação de aliança com Deus, em genuína fé, esperança e amor, finalmente proclamada no **Evangelho de Cristo**, é a fonte da verdadeira liberdade.

Estrutura do Êxodo

1. Israel Escravizado no Egito (1,1-6,27)
- II. Sinais e Prodígios do Senhor (6,28-12,36)
- III: O Êxodo do Egito e a Caminhada até ao Sinai (12,37-18,27)
- IV. Israel no Monte Sinai (19,1-40,38)

Deuteronómio

Importância do Deuteronómio para África

A fé e as práticas dos israelitas como estão no Deuteronómio formam o alicerce da religião judaica. Jesus citou o Deuteronómio em resposta à questão: *"Qual é o maior mandamento?"* *"Escuta, Israel! O Senhor é o nosso Deus; o Senhor é único! Amarás o Senhor teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças"* (6,4-5). Qualquer religião se baseia na aceitação de alguém como "Nosso Senhor... Nosso Deus" As obras serão controladas por esta afirmação.

Quem é que vemos como nosso supremo Deus? Uma vez identificado o nosso Senhor, não encontraremos dificuldades em prestar-lhe homenagem. Talvez muito inconscientemente tenhamos alguns senhores escondidos a quem prestamos culto. Os senhores deste tipo podem ser: o poder, a riqueza, a saúde, o sexo. Imagine o que acontece quando um destes senhores se torna o seu Deus, o único senhor!

O Deuteronómio recorda as palavras dos mais velhos. No leito de morte, os nossos antepassados transmitiram a sua última vontade.

Normalmente, esta consistiu em **lembrar-nos o passado e encorajar-nos a viver harmoniosamente no futuro**. Os que ignoram as últimas palavras dos seus pais mais tarde choram sobre a sua própria loucura. O Deuteronómio coloca-nos um desafio. *"De que acontecimentos do passado vos recordais, que vos ajudam a moldar um bom futuro?"* Um dos problemas mais graves em África é a **opressão étnica** (ou seja, tribalismo, regionalismo, etc.). Não apenas o poder, a riqueza, o sexo, mas também a identidade étnica pode tornar-se o nosso deus. A mensagem bíblica é clara: não deveis adorar o vosso grupo étnico, o vosso clã, o vosso país, a cor da vossa pele...

Principais divisões do Deuteronómio

- I. Primeiro Discurso de Moisés (1,1-4,43)
- II. Segundo Discurso de Moisés (4,44-11,32)
- III. Exposição da Lei (12,1-26,19)
- IV. Últimas Palavras de Moisés (27,1-34,12)

LIVROS HISTÓRICOS

Introdução

As **três maiores divisões da Bíblia Hebraica** são: a **Torá**, os Livros **Proféticos** e os **Escritos**.

A **Torá** (ou a Lei) compreende os cinco primeiros livros do Antigo Testamento: Génesis, Exodo, Levítico, Números e Deuteronomio, que referimos como Pentateuco. Incluídos nos Livros Proféticos estão os livros que reconhecemos como literatura **profética**: Isaías, Jeremias, Ezequiel e os doze Profetas Menores. A Bíblia Hebraica também inclui entre os Livros Proféticos os que designa por Profetas Anteriores: Josué, Juízes, Samuel (1 e 2) e Reis (1 e 2). Estes são, normalmente, classificados nas Bíblias cristãs entre os Livros Históricos. Também incluídos nos Livros Históricos estão os livros de Rute, Ester, Esdras, Neemias e Crónicas (1 e 2), que na Bíblia Hebraica são classificados nos Escritos. Finalmente, as Bíblias católicas incluem entre os Livros Históricos os livros de Judite, Tobite e 1 e 2 dos Macabeus. Estes são parte dos livros deuterocanónicos, isto é, aqueles livros que estão incluídos no cânone católico mas não no cânone hebraico nem no protestante.

Os livros de Josué, Juízes, 1 e 2 de Samuel e 1 e 2 de Reis estão agrupados num conjunto que os especialistas designam por **História Deuteronomista**. Representam a compilação e edição final dos materiais mais recentes, quer escritos quer orais, no período do pós-Exílio. Esta edição foi feita pelo grupo de escribas, também responsável pela edição final do livro do Deuteronomio. Juntamente com o Pentateuco, fazem parte de uma história continuada que começa no Génesis e termina em 2 Reis. O livro de Rute, embora não faça parte da História Deuteronomista, está colocado depois dos Juízes, porque diz respeito a um antepassado do rei David cuja história é contada nos livros seguintes.

Nestes livros, a história do povo judeu começa **com a conquista da terra e continua através do período em que os Juízes reinavam**. A longa história de como **Israel se tornou um reino** é contada em 1 e 2 Samuel. 1 Reis fala dos dias grandiosos da monarquia, em que **Salomão** construiu o templo em Jerusalém. 1 e 2 Reis continuam com a triste narrativa da divisão do reino e o **declínio da monarquia** como instituição. A História Deuteronomista termina com as boas notícias das **reformas religiosas do rei Josias** e com as notícias **trágicas da destruição de Jerusalém e do templo e da deportação para a Babilónia**. Ao longo do texto dos livros há uma tentativa de **compreender o significado** dos sofrimentos e retrocessos do povo que Deus escolheu.

Os restantes Livros Históricos não fazem parte da História Deuteronomista. Os dois livros de Crónicas e os livros de Esdras e Neemias estão ligados por semelhanças de tema e estilo e habitualmente são tidos como escritos ou editados pelo mesmo Cronista. Esses livros datam de um período posterior ao da História Deuteronomista. Abarcam muito do mesmo material, mas também contêm a história posterior para lembrar a restauração do culto no templo em Jerusalém no período posterior ao Exílio da Babilónia.

Os livros de Tobite, Judite e Ester podem ser considerados conjuntamente. O seu ponto de vista é diferente do dos outros livros históricos.

Mais do que contar a história do povo como um todo, e em particular as acções dos líderes políticos, militares e religiosos, **cada um destes livros conta a história de um ou mais indivíduos extraordinários.** Estas palavras não são história no sentido moderno da palavra e contem o que poderíamos considerar imprecisões históricas, mas o seu **objectivo** é, em primeiro lugar, teológico, para **ilustrar o caminho no qual Deus recompensa os que são fiéis.**

Os dois livros de Macabeus, que nos chegaram através da Bíblia Grega ou Setenta, contêm a história do povo judeu até cerca de século e meio antes do nascimento de Cristo. Eles contam a revolta do povo judeu contra os dirigentes gregos que conduziram à instauração da dinastia dos Hasmoneus quando, por um curto período, os judeus foram dirigidos novamente por judeus.

O desejo de lembrar o passado, interpretá-lo e compreendê-lo está presente na maior parte das culturas. Ajuda as pessoas a compreender a sua identidade presente (actual). Os Livros Históricos da Bíblia são a lembrança escrita do relacionamento entre Deus e o seu povo durante muitas gerações. Desde muito cedo estas narrativas constituíram uma história oral. Como cristãos partilhamos a promessa original de Deus aos judeus, renovada para todos os povos através da revelação de Jesus Cristo. Uma compreensão da história dos judeus como povo de Deus ajuda-nos a **compreender a nossa herança como cristãos no mundo de hoje.** Para o leitor de hoje, os Livros Históricos parecem estar frequentemente relacionados com insucesso, pecado e guerra. Contudo, são a história honesta de **um povo** humano, o povo escolhido por Deus, **com todas as suas fraquezas** mas também com o seu esforço para se manter fiel. Contrastando com as suas derrotas estão as notáveis bênçãos, **paciência e fidelidade de Deus**, ainda hoje disponíveis para nós.

LIVROS SAPIENCIAIS E POÉTICOS

Introdução aos livros Sapienciais e Poéticos

Uma parte significativa do AT está relacionada, de uma maneira ou de outra, com a história. Existe um outro grupo de livros que têm muito pouca relação com a história, os chamados livros **Sapienciais**. Esses distinguem-se dos livros Históricos e dos livros do Pentateuco pelo facto de estarem quase totalmente **escritos em verso**, enquanto os livros Históricos são predominantemente escritos em prosa. Além disso, distinguem-se dos livros Proféticos, também maioritariamente escritos na forma poética, pelo seu conteúdo.

Os livros Sapienciais incluem Job (42 capítulos), Provérbios (31), Eclesiastes, também conhecido por Qohelet (12), Ben Sira, também conhecido por Eclesiástico (51), e o livro da Sabedoria, também conhecido por Sabedoria de Salomão (19). Existem mais dois livros que são normalmente classificados entre eles, o livro dos Salmos (150) e o Cântico dos Cânticos (8).

Os livros de Job, Provérbios, Eclesiastes, Salmos e o Cântico dos Cânticos foram compostos em hebraico. Encontram-se na Bíblia Hebraica e tanto na Bíblia Protestante como na Católica. Os livros de Ben Sira e da Sabedoria chegaram até nós através do grego da Septuaginta e não se encontram na Bíblia Hebraica nem na Bíblia Protestante; constam entre os livros deuterocanónicos do cânone católico.

Enquanto os livros históricos se preocupam com datas e lugares, histórias da vida de pessoas importantes e relatos de batalhas e ameaças, **a literatura sapiencial** tem uma tónica bastante diferente. **Está preocupada com questões sobre o papel de Deus na vida quotidiana**. O povo hebreu veio a dar-se conta de que a experiência de Deus era feita através dos acontecimentos da vida quotidiana. Compreender exactamente como isso acontecia era frequentemente um quebra-cabeças. Os autores da literatura sapiencial estavam preocupados com questões como: O que é que eu devo fazer para ser sábio ou ter sucesso? Como é que Deus ordenou a sua Criação? Como é que posso ser feliz? Porque estou triste tão frequentemente? Estas são perguntas que estão fora das preocupações do historiador, mas que fascinam a maioria das pessoas e às quais os autores procuraram responder. Embora os livros, para judeus e cristãos, constituam **uma meditação sobre Deus**, também podem ser lidos por não cristãos e não judeus enquanto **depósitos de sabedoria humana comum**, relacionada com a experiência humana universal. Podemos encontrar colecções parecidas de material sapiencial na literatura de outras civilizações do Médio Oriente Antigo e nas tradições orais africanas.

As perguntas filosóficas que os autores dos livros Sapienciais abordam ainda hoje são válidas. Baseiam-se na experiência fundamental do ser pessoa humana no universo criado. São perguntas que

transcendem a história e que são tão vitais para nós como foram para as gerações anteriores.

Todas as culturas têm as suas tradições sapienciais. São frequentemente expressas nos provérbios, ditos, enigmas e canções. São um modo de as tradições de uma cultura se manterem vivas e se transmitirem de geração em geração, primeiro através da **tradição oral**, mais tarde, muitas vezes, através de **escritos**. São um meio para que os jovens aprendam a sabedoria dos mais velhos. Há uma certa eternidade nelas.

Não chegam a estar "fora da moda". O livro de Job é um longo diálogo poético que aborda o problema do sofrimento. O livro dos Provérbios reúne várias colecções de ditos, alguns muito antigos, de diferentes autores, sobre uma grande variedade de assuntos. Em Eclesiastes, o autor medita sobre o significado da vida. O livro da Sabedoria tem origem numa comunidade judaica falante de grego, e o autor procura tornar a sabedoria judaica importante para os seus contemporâneos do século I a.C.

No livro de Ben Sira o autor agrupa numerosos provérbios para dar uma instrução moral aos seus leitores. Dentro da colecção de livros classificados como literatura sapiencial e poética, os Salmos têm um lugar especial. São todos composições poéticas, alguns dos quais lidam especificamente com questões de sabedoria.

Outros são canções de lamentação ou de oração ou de acção de graças, e têm sido usados no culto comunitário há quase três mil anos. O Cântico dos Cânticos é um poema dramático que conta o amor entre um homem e uma mulher, o que ilustra o amor de Deus pelo seu povo.

Na literatura sapiencial, a sabedoria é frequentemente imaginada como uma pessoa separada de Deus, por exemplo em Pr 1-9; Jb 28; Ecl 1,1-10,24; Sb 7,22-8,1 e em muitos outros lugares. Esta ideia prepara o caminho para a revelação da Trindade e é desenvolvida na teologia dos escritores do Novo Testamento. Paulo irá descrever Jesus como a Sabedoria de Deus em 1 Cor 1,24. Deste modo, a sabedoria antiga da tradição judaica é incorporada no cristianismo.

A poesia hebraica e grega antiga é um género literário particular que a princípio pode parecer estranho aos leitores do século XXI, que vêm de um ambiente cultural diferente. No entanto, com uma leitura repetida, a beleza das imagens revela a sabedoria de Deus a cada geração de leitores.

SALMOS

O que é o livro dos Salmos?

Rezar, de uma forma ou de outra, é parte integrante de todas as religiões. Os salmos do AT **são as orações** com que os israelitas apresentavam perante Deus os seus problemas e medos, perplexidades e frustrações, esperanças e aspirações, bem como as suas alegres expressões de gratidão e louvor. **Contêm todo o tipo de emoções** e disposições humanas, tanto tristes como alegres, que todos nós experimentamos em circunstâncias diferentes da nossa vida. É esta capacidade de reflectir a condição humana comum que dá aos salmos o seu poder de atrair pessoas de todos os lugares e culturas. Os salmos são um meio universal de as pessoas se aproximarem de Deus na sua condição particular.

Salmos como orações cristãs

Os cristãos herdaram os salmos dos judeus, e é importante não esquecer que inicialmente eram orações judaicas. **Só podemos reza-las com Jesus** e à luz dos seus ensinamentos. Isto quer dizer que não nos podemos apropriar de todos os sentimentos e crenças teológicas que são aí expressos sem distinção. Por exemplo, o mandamento de Jesus para amar os nossos inimigos e rezar por eles significa que nós não podemos usar os salmos que amaldiçoam, interpretados literalmente contra as pessoas de quem não gosta-mos. Mas podemos usá-los contra o mal que existe em nós e à nossa volta em diferentes formas, especialmente o mal moral. O critério para rezar os salmos correctamente deve ser, portanto, o do Evangelho de Cristo e a tradição da Igreja.

Importância dos Salmos em África

As categorias mais importantes dos salmos são os **hinos** e as **lamentações**, e são precisamente essas duas famílias de salmos que são as mais importantes para as orações africanas.

Vamos considerar primeiro os hinos. Foram compostos propositadamente para serem usados na liturgia das grandes festas de Israel. A partir da sua própria estrutura e conteúdo pode-se facilmente visualizar a assembleia de culto em grandes festas judaicas: as canções animadas e aclamações, o bater de palmas, as danças, o som das trompetas, flautas, tambores e pratos. Este é o género de culto público que agrada à maioria dos africanos, e por essa razão os cristãos africanos podem facilmente apropriar-se dos hinos do Saltério.

Mas para muitos israelitas, talvez para a maioria, a vida não era apenas **cantar e dançar**. Tinham grandes misérias: pobreza, doença, injustiça, desastres naturais e muitos outros males. E por isso que os salmos de lamentação são de longe mais numerosos no Saltério. Reflectem as experiências de vida penosas e comuns dos israelitas. Hoje, a maioria do povo do continente africano vive sob condições semelhantes e experimenta o mesmo tipo de misérias, especialmente pobreza e

opressão. Os salmos de lamentação são, portanto, apropriados para exprimir os sentimentos do povo africano enquanto reza a Deus pela libertação.

As orações tradicionais africanas incluíam não apenas petição e intercessão, mas também **acção de graças, louvor e confissão dos pecados** para implorar o perdão de Deus. A oração era dirigida tanto a Deus como aos antepassados enquanto mediadores. O cristão africano que reza com os salmos deve lembrar-se que Jesus, Filho de Deus, é agora o nosso Proto-antepassado e mediador.

LIVROS PROFÉTICOS

Introdução

Ministério profético no AT

Desde sempre houve pessoas a afirmar que Deus comunicou com elas e as incitou a agir publicamente. Todas as religiões e culturas têm exemplos deste tipo de pessoas que fazem de **mediadores** entre Deus e sus próprios. Muitas das religiões tradicionais africanas têm pessoas que se especializam na recepção de mensagens divinas e as interpretam para a comunidade.

Os profetas do AT também acreditavam que tinham sido escolhidos por Deus e inspirados pelo seu espírito para assumirem um papel central na sociedade. A palavra portuguesa profeta provém do grego *phetes*, que significa "*aquele que fala*", e *pro*, que significa "*em vez de*"! Assim, "profeta" é um termo que significa **porta-voz**: aquele que fala ou interpreta em nome de ou na vez de Deus.

No AT o título "profeta" é aplicado principalmente aos autores da última parte, a literatura profética. São referidos dezasseis autores e temos dezoito livros com as respectivas profecias (os dois livros excepcionais são o livro das Lamentações, conhecido em grego como "Lamentações de Jeremias", e o de Baruc). Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel são conhecidos por "**profetas maiores**", simplesmente porque **os seus livros são maiores** do que os outros. Há doze livros de "**profetas menores**": Oseias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias. Há outros profetas referidos no AT, mas dos quais não temos registos escritos, por exemplo, **Elias** e **Eliseu**. Na prática, contudo, o espectro do título "profeta" alargou-se para referir qualquer figura importante do passado, por exemplo Abraão (Gen 20,7). Considerava-se que Moisés não só era um profeta como também foi o maior dos profetas (Dt 18,15-18; 34,10). Também João Baptista (Mc 11,32) e Jesus (Mc 6,4; Lc 24,19) eram tidos como profetas (embora os seguidores de Jesus mais tarde compreendessem que o título "profeta" era insuficiente para o descrever).

Por isso, a classificação hebraica clássica dos profetas é mais lata do que as nossas categorias habituais. De facto, **todos os que falaram ou lideraram em nome de Deus foram considerados profetas**. É por isso que os livros históricos se chamam "Profetas Anteriores". Pensava-se que Josué era o autor do livro que tem o seu nome, enquanto Samuel era creditado com a autoria do livro de Juízes e dos de Samuel. Os livros de Reis eram atribuídos a Jeremias. Todavia, aqueles que habitualmente consideramos profetas mantêm o seu nome ligado aos dezoito da

literatura profética. São por vezes chamados "Profetas Posteriores" ou "Profetas Escritores".

Estes autores bíblicos tinham como certo que Deus intervinha com frequência na vida das pessoas, para as orientar, e nos acontecimentos do mundo. Acreditavam que algumas pessoas eram escolhidas como agentes da intervenção de Deus, como **intérpretes da sua actividade**, ou ainda como seus porta-vozes. Assim, os profetas bíblicos podem ser descritos como **pessoas inspiradas por Deus para recordar ao povo o seu chamamento e responsabilidades**, enquanto povo de Deus. A profecia bíblica, portanto, é a comunicação de Deus a um indivíduo ou grupo através de uma pessoa humana, o profeta.

Profecia na África actual

É comum falar da marginalização da África. Refere-se à situação em que a África é posta de lado quanto ao progresso económico e político que vai acontecendo a nível global. Ninguém duvida que a **África enfrenta problemas** aterradores: pobreza, burocracias ineficientes, corrupção e repressão, destruição ambiental, taxas de natalidade crescentes, dívida externa, problemas de habitação, falta de escolas, estradas ou outras infraestruturas, opressão de classe e de género, guerras e refugiados, agitação social.

Simultaneamente, o continente fez **progressos extraordinários** num período pós-independência relativamente curto. Estão a dar-se mudanças para melhor: levaram-se a cabo reformas democráticas na África subsaariana; os programas de redução da dívida estão a ser discutidos; os níveis de instrução estão a crescer; há um espírito empreendedor por todo o continente. No campo cultural e religioso, a igreja africana é cada vez mais ouvida a nível global; há um reconhecimento crescente da cultura, religião e valores que a África pode oferecer ao mundo; estão a crescer as vocações para uma variedade de ministérios; o processo conhecido como inculturação está a dar uma expressão profundamente africana ao cristianismo.

Devemos ter consciência de que no meio da realidade da África contemporânea, o dom da profecia está convincentemente presente. **Exercer um papel profético significa** ser inspirado pelo Espírito e testemunhar a sua inspiração publicamente. Na África, muitos cristãos, desde a época de Jesus até à actualidade, sentiram tal chamamento ao desempenho da profecia. São movidos pelo mesmo Espírito que animou e deu energia aos profetas do AT. É o mesmo Espírito que nos permite **compreender melhor o que Jesus ensinou e como aplicar isso de forma relevante nos tempos que correm** (cf. Jo 14,26; 16,13).

Mas também há figuras proféticas no mundo secular e nas religiões não cristãs. A inspiração profética do Espírito age em todos os tempos e

culturas; não está presente apenas nos que falam e agem explicitamente em nome de Jesus. Por isso, temos de estar conscientes de que **nós** - os que aceitamos o cristianismo - **não temos o monopólio do Espírito**. Afinal, este mesmo Espírito tem estado a agir no mundo desde o princípio dos tempos, muito antes da Igreja existir.

O Espírito está neste momento a agir silenciosa e anonimamente, mesmo naqueles lugares de África em que Jesus é desconhecido. Os que limitam a profecia e a inspiração aos cristãos são culpados de uma espécie de fundamentalismo e infelizmente, podem nunca ter aprendido que **o Espírito também nos ensina através das pessoas que estão fora da Igreja**. De facto, os muitos exemplos de inspiração profética do NT devem fazer-nos pensar na grande variedade de modos como o Espírito toca as diferentes pessoas: coragem (Act 4,31); visões (Act 7,55; 16,9); grandes feitos (Act 8,4-13); consolação e força (Act 9,31; Ef 3,16); previsões do futuro (Act 11,28; 20,23; 21,11); línguas estrangeiras (Act 19,6; 1 Cor 14,2); conselho (Act 21,4; Gl 5,18); certeza da proximidade de Deus (Rm 8,14; Gl 6,18); alegria (Rm 14-17; G 5,22; 1 Ts 1,6); entendimento (1 Cor 2,12-13); vários dons, incluindo o da fé, do discernimento e da cura (1 Cor 2,4-10); amor, paz, sensibilidade e tolerância (Gl 5,22-23).

A **principal tarefa** de qualquer profeta na África contemporânea **é a do discernimento** - não apenas pessoal mas especialmente **nos assuntos públicos do campo social, político e cultural**. Os profetas de África devem ler os "**sinais dos tempos**"; **desafiar** os sistemas opressivos e os que abusam do poder; **criticar** as estruturas e formas de comportamento obsoleto na Igreja e na sociedade; **expressar solidariedade** com os vulneráveis; **consolar** os marginalizados e estrangeiros; **dar poder** aos pobres para que sejam agentes do seu próprio desenvolvimento; **reconciliar** opressores e vítimas; **trabalhar** para que as culturas antigas de África sejam mais significativas e relevantes; **criar uma África** em que a diversidade de culturas, géneros, raças e dons seja respeitada e honrada.

Na actual igreja africana, é de assinalar o crescente número de pessoas comprometidas com alguma forma de mudança social profética. Cada vez mais cristãos de todas as idades e contextos estão dispostos a denunciar as redes nacionais e globais de opressão; em vez de manterem a ordem estabelecida, querem participar em actividades de mudança e transformação.

Infelizmente, apenas uma pequena percentagem de pessoas consegue manter a acção profética como dimensão permanente das suas vidas.

Algumas inibem-se a si próprias antes de começar, devido ao isolamento ou a sentimentos de inadequação. Algumas sentem-se desencorajadas pela falta de conhecimentos técnicos ou de recursos.

Outras decidem-se a correr o risco mas acabam por esgotar-se. Outras, ainda, parecem caminhar num claro desconhecimento de qualquer dos ensinamentos sociais da Igreja.

Uma razão porque a profecia é muitas vezes desprezada na sociedade talvez seja porque os profetas e os movimentos proféticos se opõem às e têm a oposição das pessoas que beneficiam do estado actual das coisas. Esta oposição é quase inevitável, e será sempre necessária alguma forma de luta. **Os conflitos, mesmo dentro da Igreja, não devem surpreender ninguém.**

De facto, nunca há garantias de sucesso na acção profética a curto prazo; os frutos da profecia dependem em última instância da liberdade de Deus. Contudo, **a profecia produz sementes de vida nova.** Com condições adequadas e apoio de outras pessoas, estas sementes infiltram-se na sociedade em geral e dão fruto. Por outras palavras, o Espírito profético que impele o profeta original continua a tocar nos seus seguidores e naqueles que respondem à sua visão (cf. Rm 8,16).

O que não podemos esquecer é que a acção dos profetas na África actual por vezes está cheia de dificuldades. Desde a independência, muitos sofreram perseguições e morte por terem desafiado seriamente os beneficiários dos sistemas sociais injustos. Sem surpreender, quando alguém tem consciência de ser chamado à profecia, como por exemplo Amós e Oseias, o sentimento inicial não é muito agradável. Pensam duas vezes no as-sunto. Como Moisés (Ex 3,11-4,13) e Jeremias (Jr 1,6), os profetas de hoje podem encontrar razões válidas para fugir desta vocação difícil e exigente. Mas haverá sempre profetas a erguer as suas vozes para protestar e proclamar, como alias sempre o fizeram.

NOVO TESTAMENTO

EVANGELHOS SINÓPTICOS

Introdução

Seria impossível, pois claro, exagerar a importância dos Evangelhos para o nosso conhecimento de Jesus. Eles são, devido a todas as questões práticas, as nossas únicas fontes do que Jesus fez e disse durante a sua vida terrena.

Exceptuando os Evangelhos, temos apenas algumas referências a Jesus espalhadas por obras romanas e judaicas. Mesmo os outros livros do NT, embora fornecendo elementos inestimáveis para a teologia da pessoa e vida salvífica de Jesus, sua morte e ressurreição, contam-nos muito pouco sobre as suas actividades e ensinamentos enquanto viveu

entre nós. Por isso, **para um conhecimento cristão do Salvador, é indispensável que se faça uma leitura dos Evangelhos com fé e inteligência.**

A questão sinóptica

Os Evangelhos de **Mateus, Marcos e Lucas são denominados "sinópticos"** (das palavras gregas que significam "*vistos em conjunto*") devido às suas **semelhanças** evidentes. Seguem as mesmas linhas gerais no relato do ministério público de Jesus, narram os mesmos acontecimentos da sua missão e entram em pormenores nas mesmas exposições dos seus ensinamentos. Quando colocados em colunas paralelas, uns ao lado dos outros de forma a serem "*vistos em conjunto*", torna-se evidente que muitos dos seus episódios são os mesmos, por vezes, palavra a palavra. Estudos mais pormenorizados mostram que **quase todo o Evangelho de Marcos está contido no Evangelho de Lucas e no de Mateus e que Lucas e Mateus têm em comum uma grande parte dos ensinamentos de Jesus que não se encontram em Marcos. Além disso, tanto Mateus como Lucas contêm alguma informação valiosa sobre Jesus que é exclusiva de cada um deles.** Isto é mais perceptível nos relatos do nascimento e infância de Jesus. Às tentativas de explicar este conjunto de semelhanças e diferenças entre os três Evangelhos chama-se "*a questão sinóptica*".

Já foram e continuam a ser propostas **diversas soluções académicas** para o problema. Durante muito tempo pensou-se que o Evangelho de Mateus tinha sido o primeiro a ser escrito, que Marcos abreviara o seu Evangelho para fins específicos e que Lucas tinha tomado muito material para o adoptar de acordo com a sua intenção de escrever mais um evangelho. Porém, a principal dificuldade desta teoria é explicar por que razão Marcos teria omitido tanto material valioso do Evangelho de Mateus: a totalidade do Sermão da Montanha, por exemplo, e a Oração do Senhor. Por volta dos finais do século XIX e princípios do século XX, os estudiosos da Bíblia debruçaram-se sobre os Evangelhos e apresentaram uma solução diferente e mais satisfatória. Concluíram que **Marcos foi o primeiro evangelho** a ser escrito e que Mateus e Lucas copiaram a obra de Marcos na sua globalidade. A narrativa de Marcos tornou-se, então, a estrutura e as linhas gerais dos outros dois Evangelhos. Além disso, **Mateus e Lucas**, independentemente um do outro, **tiveram acesso a um outro documento** cujo material incorporaram nos seus Evangelhos. Este documento é conhecido por "**Q**", a primeira letra da palavra alemã *Quelle*, que significa "*fonte*". A fonte Q perdeu-se. O seu conteúdo e natureza somente são conhecidos pelo uso que Mateus e Lucas deles fizeram. Parece ter sido um documento escrito. Não era um Evangelho, uma vez que continha poucos ou nenhum relatos das actividades de Jesus ou da sua morte e ressurreição.

Era antes **uma colecção dos seus ensinamentos e parábolas**. O material do Sermão da Montanha, por exemplo, que Mateus recolheu nos capítulos cinco a sete do seu Evangelho e que Lucas distribuiu ao longo de todo o Evangelho, provém de Q. Isto explica por que razão Marcos não contém este material; não conhecia a fonte Q. Para mais, tanto Mateus como Lucas - cada um deles - usaram materiais desconhecidos dos outros autores evangélicos: uma fonte mateana e uma fonte lucana. Foi a partir destas fontes que Mateus e Lucas elaboraram as suas **narrativas da infância**, bastante diferentes uma da outra, e que Lucas coligiu materiais tão preciosos como as parábolas do Bom Samaritano e do Filho Pródigo.

Porque esta solução para a questão sinóptica depende do uso de Marcos e de Q como fontes principais dos Evangelhos de Mateus e Lucas, ficou conhecida como "*Teoria das Duas Fontes*".

É a solução aceite hoje pela maioria dos estudiosos da Bíblia, quer católicos quer protestantes. Temos de admitir, contudo, que **se trata apenas de uma teoria**; não é possível uma prova absoluta. Há uma minoria de estudiosos que ainda opta pela prioridade do Evangelho de Mateus ou por uma outra teoria que afirma que os três Evangelhos foram escritos em total independência uns dos outros e que têm origem numa tradição evangélica comum que a todos antecedeu.

Três retratos de Jesus

Do que foi dito não podemos concluir que os autores dos Evangelhos foram simples copistas ou compiladores de material previamente escrito. Todos eles foram autores por direito próprio. Obtiveram o seu material de fontes, mas usaram-no com criatividade. Ao fazerem desse modo, **forneceram-nos três imagens ou retratos de Jesus**, cada um produzido por um escritor que era não só um artista apurado mas também um teólogo perspicaz. **Marcos**, escrevendo para uma igreja perseguida, dá ênfase a Jesus como aquele que traz e torna presente o Reino de Deus, mas que é, do princípio ao fim, contrariado, incompreendido - mesmo pelos seus próprios discípulos - rejeitado, e finalmente condenado à morte. **Mateus**, escrevendo para uma comunidade judeo-cristã alargada, realça Jesus como cumprimento das profecias e promessas divinas, o novo legislador e Mestre da Nova Aliança, o fundador de um novo e purificado Israel. **Lucas** retrata Jesus, da narrativa da infância em diante, como o salvador prometido, o Messias Filho de David e Filho de Deus. Ele é o Profeta, a esperança, e a salvação dos pobres e marginalizados, nomeadamente, os indigentes, os doentes, os desamparados da sociedade, os sem privilégios, as mulheres, os pecadores.... a todos promete e concede o perdão de Deus. Lucas oferece-nos ainda um segundo, livro, os **Actos dos Apóstolos**, em que a vida e actividade do Cristo Ressuscitado continua na história humana e

na sua Igreja sob a direcção e o ímpeto do Espírito Santo. Em todos estes retratos inspirados, **o Jesus neles representado é reconhecível como o mesmo**, e os títulos que lhe são atribuídos num Evangelho são-no nos outros. No entanto, ao sublinhar diferentes aspectos da vida, mensagem e obra de Jesus, **cada Evangelho nos oferece um nova e diferente perspectiva daquele que é, afinal, o mistério infinito do Deus feito Homem.**

MATEUS

Importância de Mateus para África

Mateus escreveu para judeo-cristãos apanhados entre a sua nova fé em Cristo e o judaísmo, a religião tradicional dos seus antepassados. Na verdade, não era possível, para eles, continuarem fiéis a ambas e por isso **tiveram de fazer uma escolha dolorosa**. Actualmente, muitos **africanos** podem encontrar-se **numa situação semelhante** quando se tornam cristãos. Não é fácil renunciar imediatamente a todas as crenças e práticas tradicionais incompatíveis com os ensinamentos de Cristo, mesmo que saibam que se quiserem ser verdadeiros discípulos de Cristo têm de fazer escolhas difíceis.

É aqui que a mensagem de Mateus para os judeo-cristãos pode ser uma fonte de iluminação e força para os africanos convertidos. Jesus insistiu que **não veio para abolir a lei judaica mas para levá-la à perfeição**, e os cristãos africanos podem perceber que isto se aplica também aos valores genuínos encontrados nas religiões e culturas tradicionais africanas. Devemos sublinhar aqui a importância da família e da comunidade, as relações com os antepassados e os 'mortos-viventes", e a importância da reconciliação como uma contribuição para a paz.

Estes e outros **valores africanos estão de acordo** com a fé cristã.

Onde houver uma necessidade, a fé cristã não deve hesitar em criticar os aspectos negativos da cultura africana à luz do ensinamento de Cristo.

Muitas vezes, isto será doloroso, mas esta é uma condição para seguir Cristo. Devemos ter consciência de que o que contradiz a mensagem de Cristo não pode ser um valor humano genuíno e nada há a perder ao pô-lo de lado.

Desde o Concílio Vaticano II, a Igreja Católica encorajou a **inculturação** para que a mensagem de Cristo encarne verdadeiramente nas culturas africanas, elevando-as a um nível *sobrenatural*. Desta maneira, os africanos constatarem que é mais fácil entender e praticar o dom da fé cristã, permanecendo, assim, fiéis a eles próprios enquanto africanos.

Finalmente, Mateus pode ser lido hoje em África no contexto da oposição das sociedades tradicionais e de certas ideologias modernas à mensagem de Jesus e à aceitação do cristianismo pelos novos crentes.

Estrutura do Evangelho de Mateus

- I. Narrativa da Infância (1,1-2,23)
- II. Proclamação do Reino (3,1-7,29)
- III. Ministério e Missão na Galileia (8,1-11,1)
- IV. Oposição de Israel (11,2-13,53)
- V. Jesus, o Reino e a Igreja (13,54-18,35)

VI. Ministério na Judeia e em Jerusalém (19,1-25,46)

VII. Paixão e Ressurreição (26, 1-28,20)

MARCOS

Importância de Marcos para África

Marcos descreve acontecimentos simples de uma forma muito viva. As pessoas que gostam de contar histórias acharão o Evangelho de Marcos muito interessante. Muitos africanos, apesar dos modernos meios de comunicação social, continuam a aprender graças à comunicação, oral. Seria um empreendimento frutuoso experimentar se é fácil ou difícil voltar a narrar os relatos segundo Marcos. Jesus sofreu por uma causa nobre: defender os pecadores, cobradores de impostos, crianças, pobres e oprimidos.

África é correntemente descrita como tendo todos os tipos de "sofrimento". Por isso utilizam-se expressões como "continente dividido", "continente doente", "continente fragmentado", etc. Enquanto tudo deve ser feito para minimizar o sofrimento, vamos assumir a **coragem de Jesus**, que aceitou o sofrimento para assistir aos desprezados e esquecidos. África precisa de heróis e heroínas que trabalhem **para melhorar a situação** dos oprimidos. Nesta grande missão, os heróis e heroínas esperem encontrar oposição e sofrimentos como Jesus.

No Evangelho de Marcos a escolha dos Apóstolos acontece logo no início. Na primeira metade do Evangelho os discípulos são descritos geralmente como seguidores comprometidos de Jesus. À medida que o tempo passa, desviam-se do percurso do Mestre e acabam por abandoná-lo. O que acontece aos discípulos de Jesus repete-se constantemente ao longo da história. Neste momento parece que há muitos a seguirem Jesus em África. A questão é: Por quanto tempo continuará a ser assim? E por que seguem Jesus? **Será profunda a fé dos que seguem Jesus?** Que o estudo deste Evangelho possa contribuir para que cresça a fé dos africanos em Jesus, o Messias não-político e não-violento.

Estrutura do Evangelho de Marcos

I. Missão de Jesus na Galileia (1,1-9,50)

II. Missão de Jesus a Caminho de Jerusalém (10,1-52)

III. Últimos Dias de Jesus em Jerusalém (11,1-16,20)

LUCAS

Importância de Lucas para África

1. A Resposta à Fé. O povo de Deus redimido produz "*frutos de sincero arrependimento*" (3,8; Act 26,20). O primeiro deles é a fé. Dizer

que Deus mantém as suas promessas é lembrar a nós próprios que a personagem central em Lucas-Actos é Deus. Alguns escritos cristãos são tão *crístocêntricos* que quando os lemos tendemos a esquecer o que Lucas sublinha: **a história da salvação é uma história de Deus.**

Deus conduziu Israel; Deus inspirou os profetas, Deus enviou João Baptista; Deus enviou Jesus; Deus ressuscitou Jesus; e Deus envia o Espírito Santo. **Deus age** através das pessoas, nações, líderes políticos, leis e instituições. Visto que Deus continua a desenvolver o seu plano de salvação, Lucas não anseia nem apela a que a Igreja regresse a uma idade de ouro, a de Jesus ou da Igreja nascente, mas mostra que qualquer tempo e espaço tom as características próprias para o plano divino. **Deus exige fidelidade como resposta à sua própria fidelidade.** Ele nunca ficou privado de testemunhas no mundo (Act 14,17). Ele não é apenas Deus de Israel e da Igreja, mas também de Adão, de toda a criação e de todas as nações.

Em Lucas-Actos a fé combina a escuta obediente da palavra com a resistência paciente. Não é uma decisão momentânea, mas **uma resposta que cresce e amadurece** (Lc 8,15; 17,5-6). Essencial para uma resposta de fé é a oração, uma temática própria de Lucas.

2. A Grande Inversão. Talvez a característica do Evangelho de Lucas mais vulgarmente comentada seja a sua **preocupação com os oprimidos e marginalizados**. Esta atenção aos pobres aparece logo no cântico de Maria, antes do nascimento de Jesus (1,46-55). Reaparece na preferência pelos pastores (2,8-14), na mensagem social de João Baptista (3,10-14). É proclamada publicamente por Jesus no seu sermão na sinagoga da sua terra (4,16-21) e torna-se depois um refrão do seu ensino (14,12-14.21). Tudo isto não significa que Jesus recusava os líderes religiosos (7,36) e aos ricos (19,20-23). De facto, algumas mulheres abastadas financiavam as missões de Jesus (8,1-3). Contudo, o Jesus de Lucas proclama a preferência de Deus pelos mais pobres, os famintos, os que choram, os excluídos (6,20-23), e o Jesus de Lucas que oferece aos pobres, estropiados, cegos e coxos lugares no grande banquete (14, 21-23).

Em 1981, a XVIII Assembleia de Chefes de Estado e de Governo da Organização de Unidade Africana (OUA), reunida em Nairobi, Quênia, adoptou **a Carta Africana do Direitos Humanos**. Esta carta estabelece os direitos culturais, sociais e económicos, bem como os **direitos** políticos e cívicos de todos os cidadãos africanos. Além do mais, reconhece explicitamente os direitos dos grupos, famílias, mulheres e crianças; aos idosos e inválidos também se atribui uma protecção especial; e o direito à autodeterminação dos povos é elaborado na base do direito à vida, à igualdade e à não-denominação. A Carta Africana abarca ainda o direito ao desenvolvimento económico, social e cultural e

o direito à segurança e à paz nacional e internacional. Finalmente, especifica os **deveres** individuais bem como os direitos individuais para com a família, a sociedade, o estado e a comunidade africana internacional. Temos todo o direito de sermos africanos em todo o continente.

No entanto, as imagens proféticas de Lucas-Actos juntam-se à crítica profética dos valores e expectativas religiosas humanas. A segurança e complacência humanas são alteradas pela Boa-Nova. Os poderosos, que procuram justificar-se a eles mesmos e que só respondem aos profetas com provas e rejeição, são rebaixados, ou, no fim, afastados do povo. Os que habitualmente são considerados sem valor, rebaixados, marginais e estrangeiros são aceites e elevados por Deus, tornando-se parte do povo renovado.

É este o significado da linguagem ricos/pobres (1,53; 4,18; 6,20-24; 7,22; 14,21; 16,19-31). Os ricos são os que não precisam de consolo e que rejeitam Jesus. Os pobres são os que foram rejeitados pelas categorias humanas mas são aceites por Deus, e que aceitam a presença de Deus em Jesus. O retrato lucano de Maria é simbólico da forma como Deus inverte a pobreza e a impotência da condição humana. Ao longo de toda a sua narrativa, Lucas dá uma atenção positiva ao papel da mulher. O tema da inversão exprime-se com ênfase na inclusão dos gentios (e samaritanos, quer Lucas os considere gentios ou não) entre o povo de Deus. O que poderá significar uma *hermeneutica afrocentrica* da libertação, enquanto tentativa de reler a Bíblia?

3. Salvação. Os valores humanos são invertidos por Deus, não para a destruição dos ímpios, mas para a salvação dos perdidos. A visita de Deus tem como fim a salvação deles (cf. Act 7,25). Lucas sublinha o aspecto salvífico da Boa-Nova mais do que os outros Evangelhos.

Jesus é o salvador (2,11). Ele traz a salvação e realiza actos salvadores (7,50; 8,36; 8,50). Ele veio para salvar o que estava perdido (19,10): O que se diz de Jesus no Evangelho também se aplica à missão dos Apóstolos no livro dos Actos. A mensagem de Deus é acima de tudo de salvação (Act 15,11; 28,28). O tema da salvação domina em várias parábolas de Lucas, principalmente na parábola da ovelha perdida (15,3-7), da dracma perdida (15,8-10) e do filho pródigo (15,11-32). Um estudo bíblico numa perspectiva africana pode sublinhar os poderes cósmicos, o Espírito Santo, a Cristologia, o corpo e o silêncio. A perspectiva da universalidade da salvação no Evangelho de Lucas é um apelo a uma reflexão profunda sobre a inculturação.

Se **Deus chama todos os seres humanos em Jesus Cristo**, não confina o chamamento a uma cultura específica. A encarnação de Deus, acontecendo em todas as culturas, é a obra do Espírito Santo (como aconteceu com Maria, a Mãe de Jesus). Uma teologia africana da

inculturação é um desafio inevitável para os cristãos em África e compete ao ministério da Igreja. Os líderes da Igreja devem envolver-se profundamente neste processo, encorajando a pesquisa teológica, examinando as reflexões de teólogos em diálogo e, ao nível da pastoral, pondo os resultados em prática.

Principais Divisões de Lucas

- I. Prólogo (1,1-4)
- II. Infância de Jesus (1,5-2,52)
- III Preparação para a Vida Pública de Jesus (3,1-4,13)
- IV. Actividade de Jesus na Galileia (4,14-9,59).
- V. Viagem para Jerusalém (9,51-19,27)
- VI. Jesus em Jerusalém (19,28-21,38)
- VII. Paixão e Ressurreição de Jesus (22,1-24,53)

JOÃO

Importância de João para África

É óbvio que, pelos milhares de nomes e descrições africanas de Deus, as religiões tradicionais de África são ricas em conceitos e na compreensão de Deus. Ele é Criador, Oleiro, Pai, Providência e muitos outros nomes descritivos. Mas apesar desta riqueza de nomes divinos, continua a ser verdade para os africanos, como para muitos outros povos, que "a Deus jamais alguém o viu. O Filho Unigénito... o deu a conhecer" (1,18). **A nossa compreensão de Deus baseada exclusivamente no instinto religioso ou no raciocínio filosófico será sempre imperfeita e mesmo defeituosa sem Cristo.** Em João, Jesus é principalmente a revelação do Pai e é, por isso, o único que pode completar e enriquecer a compreensão africana de Deus.

Alguns nomes africanos de Deus são também boas descrições de quem é Jesus. Por exemplo, um nome como "So/" para Deus pode ajudar os africanos a compreender Jesus como a Luz do Mundo. Mais, nas religiões tradicionais Deus torna-se próximo, de um modo geral graças a mediadores como os antepassados que, devido à sua intimidade com Deus, são capazes de facilitar o nosso relacionamento com Ele.

Por tudo isto, os africanos devem estar prontos para compreender e apreciar o papel de Jesus como Mediador e Caminho para o Pai. Ele é o Proto-Antepassado. Este Evangelho, por isso, tem muito a oferecer aos cristãos africanos a caminho de um conhecimento e compreensão mais ricos de Deus e do seu Filho Jesus.

Entre as várias passagens muito importantes para África podemos tomar o Prólogo. Aqui João fala da Palavra ou Verbo. A palavra em África é eficiente e poderosa. E neste sentido que a Palavra se torna Carne. Não nos esqueçamos que em África a palavra é algo que pode destruir ou edificar a comunidade. **A Palavra de Deus não destrói mas antes humaniza o mundo.** Será que a nossa palavra está a fazer o mesmo, ou estamos a destruir as nossas comunidades com as nossas palavras? As nossas palavras devem ser uma participação na Palavra de Deus de forma a trazer paz e tornar-se carne, para que possamos construir uma sociedade e uma igreja africanas.

Todo o Evangelho de João realça a vida abundante. Nas tradições africanas **a vida é o princípio fundamental.** Se Cristo veio para dar vida em abundância (ver Jo 10,10), confirma a cultura africana e **leva-a à perfeição.** Guerras, corrupção, suborno e problemas afins estão a destruir a vida e devem ser banidos das nossas comunidades. A vida diz respeito não só aos nossos familiares ou grupos étnicos mas também a todos os seres humanos a quem é oferecida.

Estrutura do Evangelho de João

I. Revelação ao Mundo (1,1-12,50)

II. Livro da Glória (13,1-20,31)

III. Epílogo (21,1-25)

ACTOS DOS APÓSTOLOS

Importância dos Actos dos Apóstolos para África

1. Afirmação de África. O Evangelho de Lucas e os Actos dos Apóstolos têm uma **visão positiva do mundo**. São talvez os escritos menos apocalípticos do NT. Não só Lucas é relativamente indiferente ao fim dos tempos, como dá valor ao próprio tempo. Aprova, por outro lado, os que estão fora do movimento cristão.

Os de fora são vistos como sensatos e de mente aberta. O Império não é um instrumento de Satanás, mas uma oportunidade para difundir o Evangelho. Lucas-Actos relata a conversão de gentios e exclui totalmente a "*xenofobia*" de Mateus: os gentios podem ser "tementes a Deus" e mesmo os não-convertidos dão sinais de bondade e inteligência (Act 28,7-10). A descrição dos cristãos corresponde a esta percepção dos de fora como iluminados. Os Apóstolos parecem ter autodomínio, são corajosos, justos, respeitadores da lei, pessoas razoáveis, longe de serem fanáticos. **Lucas-Actos afirma o valor da cultura humana** e sugere implicitamente a compatibilidade do cristianismo com as culturas africanas. Caso exemplar é o do eunuco etíope (Act 8), que constitui o exemplo do homem africano em busca de Deus, nas Escrituras.

2. Palavra de Deus para África. Lucas dá ênfase à palavra de Deus ao mostrar como ela tem o poder do Espírito e é acompanhada por sinais e prodígios. A missão pode ser descrita como a Palavra de Deus crescendo e expandindo-se (Act 6,7; 8,14; 10,36; 11,1; 12,24; 19,20). Na parábola do semeador, Lucas interpreta, explicitamente, a semente como Palavra de Deus (Lc 8,11), e a resposta humana de fé é definida em termos de audição e obediência à Palavra de Deus (Lc 5,1; 6,47; 8,13-15.21; 11,28). A Palavra de Deus, hoje, enriquece África por intermédio da Igreja que está presente por todo o continente.

3. Conversão do Continente. A Palavra de Deus, subvertendo as expectativas humanas, exige mudança e aceitação da palavra profética. A conversão é um tema importante em Lucas-Actos. O ministério de Jesus é precedido pela palavra de Deus proferida pelo profeta João, que chamava as pessoas ao arrependimento (Lc 3,7-14). Actos abre com a pregação profética de Pedro, também ele chamando a conversão (2,37-40). Aqueles que constituem o povo que Deus está a restaurar devem "*mudar de direcção*" (Lc 5,32; 10,13; 11,32; 13,3-5; 24,47; Act 3,19;

5,31; 8,22; 11,18; 17,30; 20,21; 26,20). o exemplo mais impressionante de todos é a mudança de Paulo, de perseguidor a apóstolo, e cuja conversão/vocação é tão paradigmática que é repetida três vezes (Act 9,1-9; 22,6-11; 26,12-18).

A conversão exige que as pessoas mudem o seu comportamento. Tal como Deus acolhe todas as pessoas, assim se espera que os cristãos africanos sejam hospitaleiros. A abertura do lar e do coração a um estrangeiro está claramente relacionada com o tema da aceitação ou rejeição do profeta (Lc 9,3-5; 10,2-16), e Lucas oferece modelos explícitos para esta resposta (Lc 10,38-42; Act 16:11-15).

Do mesmo modo, os ensinamentos de Lucas sobre o **uso dos bens** têm o seu modelo em Jesus, que deu o lugar principal aos pobres e marginais. Os que aceitam Jesus partilham as suas posses com os necessitados, seja através de esmolas (Lc 12,33-34) ou da total doação do que possuem numa comunidade de partilha de bens (Act 4,32-37). Por fim, Deus visita o seu povo e isso mostra o seu amor e bondade especialmente para com os oprimidos (Lc 1,52-53.58). De igual forma, o seu povo deve mostrar o mesmo amor para com todos (Lc 6,32-36; 10,27-37).

O Livro dos Actos pode ser considerado um dos livros mais importantes para a inculturação em África. Este livro realça claramente a **universalidade do Evangelho** e sugere que os costumes diferentes não são obstáculos quando não contradizem a intenção fundamental de Cristo (cf. 10,15). Actos legitima uma pesquisa profunda por toda a cultura africana e convida-nos a distinguir com clareza a diferença entre a nossa fé e as doutrinas. Estas últimas são reflexões sobre a fé no contexto de uma cultura particular.

Principais divisões dos Actos

- I. Preparação para a Missão Cristã (1,1-2,13)
- II. Missão em Jerusalém (2,14-8,3)
- III. Missão na Judeia e na Samaria (8,4-9,43)
- IV. Inauguração da Missão aos Gentios (10,1-15,41)
- V. Missão de Paulo até aos Confins do Mundo (16,1-28,31)

CARTAS DE PAULO

Introdução

Paulo: Apóstolo de Jesus Cristo para o anúncio do Evangelho aos Gentios

O génio de Paulo pode ser melhor apreciado se nos lembrarmos que ele escreveu várias cartas, **desenvolvendo assim a sua teologia** antes de qualquer outro autor do NT, incluindo os evangelistas. À luz das Escrituras Hebraicas do AT, à luz da experiência de Cristo na sua própria vida e na daqueles que converteu, partindo das tradições orais de Jesus, foi capaz de desenvolver um profundo conhecimento de Cristo e da salvação que abarcava quase todas as dimensões da vida cristã. Não é exagerado dizer que Paulo foi não só o primeiro mas o maior dos teólogos cristãos. A Igreja tem vivido do seu pensamento, inspirado e dos seus escritos durante estes dois mil anos, e não perderam nem a sua riqueza nem a sua vivacidade.

CARTA AOS HEBREUS

Relevância da Carta aos Hebreus para África

Algumas das afirmações da carta poderão ser desconcertantes para os leitores africanos.

Quando o autor restringe o conceito de sacrifício ao sacrifício pelos pecados e quando declara que "é impossível que o sangue de touros e de carneiros possa tirar os pecados" (10,4), um leitor africano poderá pensar qual terá sido o valor dos sacrifícios tradicionais oferecidos aos antepassados e aos espíritos e, por vezes, ao Deus supremo. Deveríamos estar conscientes do **carácter polémico da Carta aos Hebreus**, concebida para gente tentada a aceitar novamente a religião judaica, com as respectivas práticas, como sendo a última vontade de Deus. A atitude do escritor assemelha-se à dos primeiros missionários da África subsariana, que condenaram muitas expressões das tradições religiosas africanas.

Aquilo que deverás é atraente para um leitor africano é o estatuto de **Cristo** no universo. É superior aos anjos e aos espíritos e a todo e qualquer antepassado que possamos imaginar. **Ultrapassa em dignidade e eficácia todos os adivinhos e sacrifícios. Contudo, não é um estranho à nossa condição humana.** Tornou-se perfeito pelo sofrimento (2,10), "*testado de todos os modos*" (2,19; 4,15), e não se envergonha de nos chamar seus irmãos (2,11). Isto faz dele, seguramente, o nosso "Irmão mais velho". Não só nos libertou dos pecados, mas - e esta é uma afirmação única no NT - também **nos libertou do medo da morte**. Jesus venceu este medo pela oração e

confiança no Pai, Os africanos são convidados a vencer este medo como Jesus. Há que **evitar suspeitar que os outros ou outras entidades são a causa da morte ou da doença**. Assim como Cristo fez, deveríamos também aceitar a vontade de Deus, o seu projecto.

Muitos africanos vivem hoje no exílio ou estão deslocados dentro do seu próprio país. Poderão encontrar conforto no que Hebreus diz aos seus leitores que foram privados dos seus bens e propriedades. Sem abandonar a luta para reaver aquilo que lhes foi injustamente tirado, deveriam olhar para a frente, para uma "posse duradoura e melhor" (10,34), à semelhança dos antepassados de Israel que esperaram pela Palestina como uma pátria duradoura e como uma cidade habitável e grande (11,10.14.16; 12,22). Assim também nos deveríamos considerar estrangeiros e peregrinos neste mundo (11, 13; cf. 13,14; 1 Pe 1,1.17; 2,11). Por outro lado, os que não são refugiados deveriam ser hospitaleiros para com os sem casa e sem abrigo (13,2; cf. Rm 12,13; 1Pe 4,9).

Alguns aspectos da Carta aos Hebreus são importantes para a cristologia africana. Por exemplo, 1,1-2 é um dos textos que pode ser aplicado a Cristo como Proto-Antepassado de África. Deveríamos ler esse texto do seguinte modo: *"Muitas vezes e de muitos modos, falou Deus aos africanos, nos tempos antigos, por meio dos seus antepassados. Nestes dias, que são os últimos, Deus falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu Proto-Antepassado de todos"*. **Jesus Cristo é o Proto-Antepassado** por quem até os nossos antepassados vieram à existência. Por Ele e nele, somente nele, gozam de uma vida abundante que podem agora transmitir aos seus descendentes. Isto quer dizer que os antepassados africanos não são a fonte última da vida. Só Cristo o é.

Um outro aspecto a ser salientado é o sacrifício de Cristo que começa no capítulo 10. O sofrimento de Cristo, tal como é descrito, recorda aos africanos os ritos de iniciação. Isto é muito mais claro em 12,2, onde Jesus é visto como o "autor e consumidor da nossa fé" (cf. 12,3).

Jesus pode então ser visto como o **Mestre de Iniciação** de todos os africanos. Ele foi iniciado pela perseverança, de tal modo que conseguiu atingir o objectivo: sentar-se à direita do trono de Deus Pai. Assim, tornou-se o mais alto Mestre de Iniciação que nos inicia no processo para alcançar a verdadeira vida em Deus.

Principais divisões da Carta aos Hebreus

- I. Prólogo: o Mistério de Cristo (1,1-4)
- II. Jesus Cristo Superior aos Espíritos (1,5-2,18)
- III. Jesus, o Sumo Sacerdote Fiel e Misericordioso (3,1-5,10)
- IV. Exortação à Renovação Espiritual (5,11-6,20)
- V. Cristo e Melquisedec (7,1-28)
- VI. O Sacrifício e o Ministério de Cristo

VII. A Igreja, um Povo que Acredita (10,19-12,13)

VIII. O Contraste das Duas Alianças (12,14-29)

IX. Exortações Conclusivas (13,1-17)

X. Conclusão: Pedido de Orações, Bênçãos e Saudações (13,18-25)

APOCALIPSE

Importância do Apocalipse para África

O Apocalipse é uma **mensagem de consolação e de exortação** para os cristãos da Ásia Menor. Não querendo comprometer-se com os poderes corruptos, tanto económica como politicamente, ficaram marginalizados na sociedade. Longe de lhes pedir que se tornem cidadãos bem comportados, o autor previne os seus leitores contra qualquer acomodação à ordem política do Império Romano. Esta mensagem relacionada com as estruturas do poder sócio-político constitui uma chamada à realidade para os cristãos que vivem nas sociedades africanas. O culto do imperador não terá alguma semelhança na adulação organizada dos estadistas que exigem actos de fidelidade, enquanto despojam os pobres das suas esperanças? Não estará a Besta a manifestar-se de novo nos governos corruptos que se mantêm no poder, mediante uma propaganda de mentiras através dos meios de comunicação que são posse do Estado? Os presos políticos e os desalojados não estarão a gritar por justiça, como fazem os mártires que estão debaixo do altar (6,9-1b)? **O Apocalipse previne-nos contra a admiração ingénua dos poderosos e dos políticos aparentemente invencíveis**, Se nós, como cristãos vigilantes e dotados de discernimento, tomarmos posição contra as malvadas estruturas do poder, temos de estar preparados para a perseguição e até para a morte. Mas, se preferirmos uma certa acomodação na nossa vida cristã, em vez da denúncia da injustiça, estamos sujeitos a cair na armadilha da mediocridade mundana e espiritual, como aconteceu aos cristãos de Laodiceia (3,16-17).

Isto não quer dizer que devemos estabelecer equivalências fáceis entre os símbolos do Apocalipse e acontecimentos contemporâneos, números e medos, como se o livro estivesse a prever eventos como o holocausto nuclear, a SIDA, a subida ao poder e queda de alguns tiranos entre nós. Não podemos ver o diabo a actuar em qualquer chefe proeminente. **O Apocalipse é um abrir de olhos para a luta** que se está a travar entre os poderes destruidores do mal e o misericordioso domínio de Deus em Cristo, que nos conduz para a vitória final sobre o próprio mal. Se temos o dedo apontado contra alguém, devemos tê-lo também contra nós próprios; em cada um de nós (inclusive nos responsáveis da Igreja) residem a Besta e o Cordeiro, a prostituta e a noiva do Cordeiro.

A mensagem fundamental do Apocalipse para nós hoje, em África, é a de **mantermos uma fé inabalável em Deus, apesar do sofrimento**. Os povos da África estão a viver em ambiente de guerra, de conflitos étnicos, de doença, de fome... Por vezes a própria Igreja é perseguida. Aqui os cristãos são convidados a **manterem viva a esperança** e a estarem prontos para lavar as suas vestes no sangue de Cristo. O martírio pode acontecer, pote exemplo, quando se luta pela justiça e pela paz.

No Apocalipse, os cristãos são aqueles que com a sua conduta testemunham Cristo, mesmo que isso implique muitos sacrifícios, inclusive a morte (cf. Ap 19,10). Hoje, em África, o testemunho que mais chama a atenção das pessoas e ao qual o mundo é mais sensível é o da **solidariedade**, que se manifesta na atenção aos mais necessitados e do **compromisso** com a paz, justiça, direitos do homem e promoção humana. O testemunho de Cristo convida-nos a assumir posições corajosas e proféticas, diante de diversas formas de corrupção que atingem muitos níveis, inclusive o económico-político. Tal testemunho é feito a partir do exame de consciência a nível pessoal e comunitário, a fim de se corrigirem nas atitudes aquilo que é anti-evangélico e desfigura o rosto de Cristo. Os cristãos são chamados a **apressar a Vinda de um novo Céu e de uma nova Terra** (21,1), onde Deus estará para sempre com o seu povo. Isto não acontece automaticamente, mas sim pela vivência da fé, da esperança e do amor na nossa sociedade.

Uma dimensão ulterior, que importa sublinhar para a inculturação, diz respeito à **linguagem simbólica** do Apocalipse. Muitas línguas africanas estão repletas de símbolos; as pessoas gostam de talar por símbolos, provérbios, adivinhas, etc. Através destas formas linguísticas, **querem transmitir valores éticos e religiosos**. O Apocalipse pode ser um desafio para revitalizar as tradições africanas. As comunidades cristãs deveriam regressar às suas tradições, que estão basicamente em narrações. O texto bíblico deveria ser ilustrado com símbolos africanos. Tal deveria acontecer e não apenas nas pequenas comunidades cristãs; também a pregação deveria ser feita no modo tradicional africano.

Principais divisões do Apocalipse

- I. Prólogo (1,1-3) e
- II. Cartas às Igrejas da Ásia (1,4-3,22)
- III. Visões Simbólicas: a Futura Caminhada da História (4,1-22,5)
- IV. Epílogo: as Visões São Verdadeiras e Realizar-se-ão em Breve (22,6-21)